

PT ficou nos limites do capitalismo

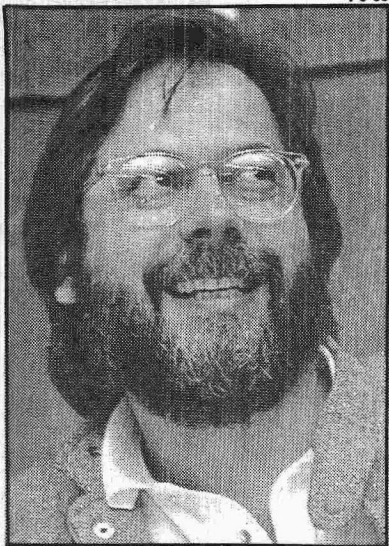
4-6-88



O leque de tendências políticas de esquerda chamada de PT deverá colocar em julgamento, nesta eleição presidencial, mais do que seu candidato ou seu programa: também serão analisadas suas novas concepções estratégicas. O partido, ao formar a Frente Brasil Popular com o PC do B e com o PSB e ao propor um programa dentro dos limites do capitalismo, cumpriu decisões de seu 5º Encontro Nacional, de dezembro de 1987, e rompeu com concepções anteriores, nas quais a proposta era de estabelecimento imediato de um Governo de perfil socialista.

No tiroteio ideológico entre a esquerda do PT e a Articulação (um agrupamento de sindicalistas e militantes da esquerda católica, do qual faz parte o próprio Lula, e que controla 60% do PT), têm saído vitoriosas as teses desta última. O Deputado estadual José Dirceu (SP), da Articulação, prega a ampliação do trabalho do PT em direção à classe média, enquanto a esquerda agarra-se à tese de uma aliança de operários e camponeses, com uma plataforma de transição imediata ao socialismo. Esta disputa também estará em julgamento nas eleições: uma derrota de Lula abre espaço para grupos trotsquistas.

No campo das palavras-de-ordem, geralmente tratado com carinho nas legendas de esquerda, a mudança do PT se traduziu na substituição de uma divisa que era tradicional no



José Dirceu, da Articulação

partido desde sua fundação — “Governo de trabalhadores” — por outra: “Governo Democrático-Popular”. Mas a modificação não foi levada ao pé da letra por parte da esquerda do PT, que, em alguns casos, resolveu não assumir o que o 5º Encontro determinara. Em Volta Redonda, o Diretório do Rio fez uma intervenção em plena campanha porque alguns dirigentes conseguiram aprovar resolução de romper com a Frente Brasil Popular, sob a alegação de que a coligação fora feita com uma “legenda de aluguel” (PSB).